

Arte Digital: uma quase-arte dentre outras estruturas cristalizadas

Os artigos apresentados nesta edição da Palíndromo focam o ativismo nos eventos de manifestações populares como a *Revolta da Antena*, desenvolvido em Florianópolis; a narrativa poética de *Ilhas de Croatã*, a exemplo do movimento de contracultura Provos (1965), e a ação *TRANSITOSensorium*, que reterritorializou uma cidade imaginária a partir de QRcodes espalhados pela cidade de Bauru; o “artista inventado” *Souzousareta Geijutsuka*, de Yuri Firmeza, e o projeto enciclopédico *ART BOOK*, de Bruno Moreschi, com cinquenta artistas ficticionais concebidos por ele, e ainda *Onos*, um robô de conversação que se passa por artista atuando ininterruptamente em uma “teleperformance” via Internet; a subjetividade e a corporalidade presentes na exposição *A Arte Somos Nós*; os artistas que trabalham exclusivamente no espaço urbano como Jenny Holzer e Rafael Lozano-Hemer; o sistema da arte vigente da arte-ciência-tecnologia na era da cultura digital em diálogo com o sistema da arte contemporânea; a diferenciação de Hannah Arendt de trabalho, obra e ação mostrando que o objeto tecnológico é mais abrangente do que aponta o senso comum; e, por fim, o discurso e controle estético da prática da curadoria instrumentalizada e autossuficiente, que cocria e produz de sua futura análise.

Não haveria artista, nem obra, nem verdade. O discurso imperaria não só na designação dos artistas de seu próprio processo, como também nas armadilhas curatoriais – uma cocriação – que geram um simulacro do objeto, apagando a presença do próprio objeto que o curador pretende analisar. Esta poderia ser a leitura das proposições de ativismo que privilegiam as ações e intervenções com tecnologias nômades na multiplicidade dos espaços urbanos e virtuais em detrimento da produção do objeto, das proposições que mimetizam o discurso utilizando-se da ficcionalização de um interlocutor, ou mesmo dos games que propõem obras de Design Interativo como entretenimento.

Seriam os artistas da Arte Digital descendentes duchampianos para os quais o artista é antes aquele que designa, que nomina, e não aquele que produz? Repensando seu próprio lugar entre as artes, a cultura digital e a arte-ciência-tecnologia, poderia a Arte Digital ser incorporada ao sistema da Arte Contemporânea, arte esta que se quer diferenciada da arte atual?

A fobia dos procedimentos tecnológicos viria da associação da máquina como a parte sombria do projeto humano, do “tecnocapitalismo planetário” que captaria os desejos, fruto da maquinaria bélica de fins militares. Mas também do fato de a tecnologia no processo de industrialização ser fundamental a uma produção que visa à eficiência e ao lucro. Mas se o homem é condicionado e as máquinas programadas pelo homem, não estaria na base da desconfiança da tecnologia justamente a programação do homem e do viver? Com a desprogramação – trilhando-se cartografias agora fluidas e móveis, Zonas Autônomas Temporárias –, abrir-se-iam novas práticas sociais clandestinas e esferas públicas, novas maneiras de fazer política, dando asas a novos sujeitos e corpos coletivos, e alcance à utopia e intensidade?

Poderíamos aplicar sem equívocos o pensamento sistêmico da Teoria Geral dos Sistemas de Ludwig von Bertalanffy para a análise da Arte Contemporânea concatenando o complexo ecossistema onde orbitam o mercado, o museu e demais agentes desde os artistas, os curadores, os críticos e o público e demais especialistas de documentação e preservação, da assessoria de imprensa e do jornalismo? E este conjunto de forças auxiliariam a formar o campo específico da Arte Digital? Pouco presente no *mainstream* e no mercado da Arte Contemporânea, a Arte Digital requerer normativas diferenciadas de fomento, produção, distribuição, consumo e preservação. Todavia, dentro do Sistema da Arte Digital, os museus não são mais os únicos guardiões da arte. As corporações são os novos agentes da cultura digital, sendo que museus e corporações podem monopolizar igualmente o discurso e o conteúdo, o mercado e os direitos autorais da arte.

No cerne da discussão está a concepção de que a arte não tem uma função, não se propõe ser eficiente. Mesmo o software, ou o vírus, considerado arte, não visaria a uma funcionalidade clara e nem minimizaria os erros como o *Jodi*. Trilharia como a arte a diferenciação entre trabalho e labor, em que o “signo estético” não está no objeto, mas nasce do labor, e é a própria ação.

Yara Rondon Guasque Araújo
Editora